



Regina Glória Nunes Andrade (UERJ)

## Neutralidade , mídia e opinião pública<sup>1</sup>

### RESUMO:

Este texto é uma reflexão sobre a neutralidade e sua presença na mídia, receptor e emissor e na opinião pública. Inicialmente concentramos nossos argumentos sobre as categorias de arbitrariedade e atemporalidade, que ocupam o imaginário-simbólico e são fundamentais na a produção do mito e por isto mesmo são opostas a neutralidade. A rigor, os conceitos psicanalíticos que tratam da questão da neutralidade a consideram como uma recomendação técnica, justificada, para a clínica. Apesar disto nos estudos freudianos o autor propõe a presença da neutralidade no humor mas sua ausência para o estudo de grupos. Finalmente abordamos uma das teorias da opinião pública que considera que os aspectos latentes e manifestos estão presentes nessa manifestação de grupo e conseqüentemente *opinião pública neutra não representa nada*.

Palavras-chave: neutralidade, imaginário, opinião pública

Há uma relação determinada entre as questões da privacidade na mídia e a neutralidade. Diríamos que esta relação se refere a uma posição ética, do jornalista, ou de quem produz a notícia, e à maneira como a sociedade, a quem ele se dirige, responde. A privacidade exigida vai perdurar durante o tempo de discricção necessário ao emissor, diante do conteúdo a ser noticiado.. No caso da neutralidade, é diferente porque quem relata precisa estar muito atento para não envolver sua percepção ou conteúdos inconscientes presentes em sua redação.

O que despertou nossa curiosidade para a reflexão sobre o tema da neutralidade foi, principalmente, a máxima que diz: *o jornalista deve ser neutro*. Recentemente, deparei-me com a frase *as idéias não são neutras*, imediatamente me questionei sobre o que significava esta frase e me questionei sobre os textos.

O que quer dizer idéias neutras? Quer dizer idéias frias, isoladas, ausentes, sem compromissos político-sociais, pouco verdadeiras, técnicas, numéricas?

Inicialmente, gostaria de me reportar aos estudos da mitologia que provocam, no pensamento, conseqüentemente nas idéias fendas suturadas ora, pelo imaginário ora, por outras categorias que, aos poucos, iremos desenvolver ao curso do texto.

Explico melhor: o pensamento mitológico-simbólico reproduz a profunda estrutura do sistema social, camuflando, por um lado, o jogo das pulsões e dos instintos que são reprimidos, coletivamente e, por outro, os expõe. Este jogo de *esconde-esconde* é tão mascarado, tão, perfeitamente, dissimulado que o olhar crítico do estudioso das ciências humanas ou, mais precisamente, a experiência analítica do pensamento não pode dar conta de todas as categorias psico-sociológicas.

A arbitrariedade, condição essencial do mito e categoria ausente da neutralidade, além de ser um fator mitológico determinante, faz parte das imagens que o compõe. O

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



“capricho dos deuses”, os poderes onipotentes de cada representante das forças naturais ou sociais extrapolam, não só a racionalidade, como dificultam a possibilidade de compreensão intelectual. Por este caminho as forças sobre-humanas dos heróis, os caminhos estranhos que têm a percorrer são, todos, anti-rationais. Imaginar a luta de Perseu <sup>1</sup>contra a Medusa e seu escudo mágico e protetor que ele carregava consigo, leva-nos ao misto do pensamento imaginário, antinatural e fictício. Poder-se-ia dizer até que o mito é criado para isto mesmo. Registrar o terrífico da realidade, sobretudo, quando dentro dela estão as pulsões, sejam elas quais forem, agressivas ou sexuais, ameaçando, vir à tona, seja em qual for a situação. Qualquer absurdo pode ser previsto como factível porque, seguindo as mesmas características dos contos de fada e dos mitos, não há a mínima necessidade de serem comprovados porque, além de serem arbitrários, podem ser inverossímeis por serem imaginários. Se, Don Quixote necessitava lutar contra os moinhos, em suas noites de insônia, necessitava, também, refletir sobre a rota que deveria seguir com Sancho Pança. O mito, também, está próximo da obra literária. O mito de Perseu está para o individual, assim como, o personagem de Don Quixote está para o leitor. O que vai diferenciá-los será a possibilidade de praticar a arbitrariedade de mostrar-se onipotente ou as exigências decorrentes de cada um deles.

A atemporalidade característica do inconsciente do mito e do social vai atuar em todos eles, como fator determinante. Quanto tempo viveu Zeus ou em que época Dionísio comandou as Festas de Baco, tais fatos não terão nenhuma importância para o pensamento mitológico e, muito menos, para os registros sociais. Como diz Blanca Munoz: *o mito se refere sempre a uns acontecimentos situados em tempo indemonstrável e sem uma lógica histórica precisa.* (MUNOZ:1995:241)

Desta lógica imprecisa, que é a lógica do imaginário nascem as áreas, tão díspares, como a semiótica, a lingüística ou a psicanálise que reivindicaram um autêntico corte epistemológico, dentro das ciências sociais. Para estudo da Comunicação e da Informação caracterizar essa nova área de, a maioria dos autores separa

---

<sup>1</sup> *Perseu venceu a horrenda Medusa, sem olhar para ela, porém polindo seu escudo como um espelho: ao ver-se refletida, a Medusa ficou petrificada de horror e o herói cortou-lhe a cabeça. O escudo é o símbolo da arma passiva, defensiva, protetora. É considerado como uma arma psicológica.*

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



comunicação interpessoal de comunicação de massa, distinção esta que provoca uma série de equívocos, porque associa a primeira, sempre à psicologia geral (comunicação interpessoal) enquanto deixa os estudos da comunicação de massa, com o estatuto definido e relacionado aos estudos da técnica e das Teorias da comunicação propriamente dita. Algumas categorias da psicologia social poderiam auxiliar estes estudos .

Com efeito, sempre houve na comunicação de massa, um atmosfera que privilegia a expressão das ações latentes e subjacentes (por que não dizer, inconscientes?), cuja interpretação técnica exerce grande influência sobre o pensamento dos profissionais da área. Por vezes, a explicação de um psicanalista sobre determinado evento social foi fundamental para a sua compreensão pelos consumidores da informação – e, do espetáculo. Pior, ainda: algumas vezes, justificaram ou explicaram eventos, sem sentido maior, como crimes ou violência social.

Felizmente, a mídia - em especial, o jornalismo - está mais atenta às fontes de informação. Hoje, seus agentes procuram, com mais frequência, a opinião de especialistas e sabem distinguir pensamento técnico e neutro, de pensamento sensacionalista e comprometido.

Muitas pesquisas em comunicação dispõem de conceitos da psicanálise, como ferramentas relevantes e, abordam os aspectos ideais intrínsecos à comunicação de maneira generalizada, incluindo as análises de conteúdo das mensagens. O mesmo ocorre em suas formas de criação e difusão, mostrando-se como é grande o campo de análises dos efeitos intencionais (conscientes) e não-intencionais (inconscientes), na mídia.

Recentemente, Gilberto Lago, coordenador do Grupo de Trabalho (GT) chamado Comunicação e Campo do Inconsciente, afiliado a COMPÓS (Associação de Programas de Pós Graduação em Comunicação), argumentando sobre a permanência dos trabalhos de comunicação e inconsciente, fez uma denúncia séria que diz que :

*Nenhum programa de Pós Graduação em Comunicação, que eu conheça, tem uma linha de pesquisa do gênero Comunicação e*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*Psicanálise. De uma forma geral, quem trabalha com psicanálise, mesmo em programas ‘abertos’ à psicanálise, tem que se camuflar em linhas as mais variadas como semiótica, cultura, etc...”*  
([glagos@uol.com.br](mailto:glagos@uol.com.br)).

Portanto, não há mais dúvidas de que as difusões das mensagens que a comunicação de massa produz o que chamamos, em psicanálise, de ‘materiais’, ‘conteúdos’, ‘significantes’ nos campos confusos da consciência e/ou do inconsciente, necessitam ser analisadas. Nesta convicção, não estamos sós, pois Blanca Muñoz acrescenta que *definitivamente, as crenças morais, as categorias do pensamento coletivo, a ideologia, os comportamentos religiosos (...), se explicam em estreita interdependência nas constantes comunicativas.* (MUNOZ:1995:39).

Essas constantes comunicativas não são neutras, podem até ser tecnicamente construídas, relatos de observação da realidade, mas vai envolver a palavra ou a imagem. A idéia lacaniana do ‘inconsciente estruturado como uma linguagem’ a obrigatoriedade dos três registros, real, simbólico e imaginário comprometendo os significantes, textos e discursos já nos afasta do risco da neutralidade.

A linguagem é o que impede que tudo signifique a cada instante e que tudo tenha sentido. Até Freud em determinado momento de sua vida disse a frase “um charuto pode ser apenas um charuto”. O caráter de ilusão da linguagem, de manifestação do inconsciente, provoca sua falha e conseqüentemente sua função poética. Até os números podem ser, negativos, positivos e neutros. Daí podermos tirar a lição que nem a matemática é somente neutra, quanto mais quem lida com as palavras, relata fatos ocorridos, fatos ocorrendo no presente ou aqueles que ocorrerão no futuro.

Como pensa Baudrillard sobre a radicalidade virtual:

A mais alta definição do médium corresponde à mais baixa definição da mensagem - mais alta definição da informação corresponde à mais baixa definição do acontecimento - mais alta definição do sexo (o pornô) corresponde à mais baixa definição do desejo - mais alta definição da linguagem (na codificação numérica) corresponde à mais baixa definição do sentido - mais alta definição do outro (na interação imediata) corresponde à mais baixa definição da alteridade e da troca, etc... (BAUDRILLARD, 1996: 54)

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



O que significa dizer que a *mais alta definição de neutro corresponde à mais baixa definição de subjetividade*. Isto é, estaríamos diante da psicose, do pensamento concreto, isolado, autista, egocêntrico. Surge, então, um outro fator relevante a partir da valorização da informação dos fatos que é a informação do espetáculo, onde o princípio de neutralidade desaparece da mídia porque ela está obrigada a expor todos os pontos de vista, informando tudo ao público, a partir de idéias pré-elaboradas, pré-concebidas, sem espaço para que ele, o público, forme sua opinião. Há uma sutileza, neste movimento mediático porque a informação passa a ser uma mercadoria e, sob estas condições, oferece condição de negociação gerando a ambigüidade: Ser neutro ou ser sensacionalista.

Um dos exemplos, mais claros, das contradições entre a neutralidade e o sensacionalismo tem sido viabilizada pela televisão nos modelos dos Reality shows > A televisão, que abusa das imagens grotescas, chocantes, dos escândalos, da violência exacerbada, produzindo uma vida cotidiana hiper-realista e emocionante. Recentemente, a televisão brasileira apresentou um quadro que deixou o público fascinado, o programa intitulado Big Brother: nele, doze pessoas concentradas numa casa durante 48 dias, mostravam suas peculiaridades e por elas eram provocadas. O público com o poder do voto e de depoimentos decidia quem ficava ou quem saía do programa. Evidente que o ganhador foi aquele que melhor expressou as contradições da opinião do público.

Neutralidade na psicanálise e o instinto gregário.

Nos estudos psicanalíticos de Sigmund Freud, o conceito de neutralidade surge a partir da separação dos métodos de sugestão que aprisionavam o terapeuta para a evolução da criação da técnica da psicanálise. Ele é proposto, como uma *qualidade* que o analista deve ter, em três momentos:

Neutralidade é uma qualidade que define a atitude do analista durante a cura. O analista deve ser neutro enquanto os valores religiosos, morais e sociais isto é, não dirigir a cura em função de um ideal qualquer, e abster-se de todo conselho, neutro com respeito às manifestações transferências o que habitualmente se expressa através da fórmula “ *não entrar no jogo do paciente*”; e por último, neutro enquanto ao discurso do analisado, isto é, não conceber *a priori* uma



importância preferente a um determinado fragmento ou a um determinado tipo de significações (LAPLANCHE,PONTALIS:1971:266) .

Fica claro nesta definição que a neutralidade é uma recomendação técnica específica para o atendimento clínico. e, nem é de longe semelhante a “neutralidade benevolente”, considerada, na linguagem diplomática, como aquela que nos leva a conduzir pensamento e comportamento, para um manejo conveniente de situações delicadas e também não auxilia à reflexão do possível pensamento neutro do jornalismo, porque aqui trata-se de comportamento técnico.

Interessante é registrar a observação de Freud sobre os chistes e a neutralidade. Freud nos lembra de Shakespeare em um verso de *Love's Labour's*, v2, que diz:

*A fortuna de um gracejo reside no ouvido.*

***De quem o escuta, nunca na língua de quem o faz (SHAKESPEARE  
apud FREUD)***

E continua lembrando que é necessária “uma disposição” para o humor ou um gracejo que exige “*um estado de animo eufórico ou, ao menos, indiferente, para que possa agir como a terceira pessoa do gracejo*”, ou seja aquele que escuta o que um elaborou e outro conta. Isto implica “*em algum grau de benevolência ou uma espécie de neutralidade, ausência de qualquer fator que possa provocar sentimentos opostos ao propósito do chiste*” (Freud:1912: 43). Neste sentido, esta recomendação serve para a escuta onde certa neutralidade deve estar presente para que a comunicação seja entendida.

Numa síntese do que diz Le Bom, o pesquisador mais atento para as questões de análise de grupo, que a reunião de mais de uma pessoa , já é um grupo e guru de Freud, sobre o assunto, o fato de agrupar indivíduos diferentes *coloca-as na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela(...) que sentiria, pensaria e agiria, em estado de isolamento*” (LE BOM apud FREUD:1921:96). Se o isolamento é o elemento mais importante para o pensamento



neutro, na comunicação já temos três: o emissor, o receptor e a mensagem, o que para Le Bon já seria a mente coletiva.

Isto, nada mais é do que uma afirmativa sobre a consistência da opinião pública e um dos motivos que a formam, isto é que *certas idéias e sentimentos só surgem ou só se transformam em atos em grupo*. Fundamental, ainda, é trazeremos o conceito de especificidade de um grupo e de sua influência, uma vez que Freud diz que :

Somos lembrados de quantos desses fenômenos de dependência fazem parte da constituição normal da sociedade humana, de quão pouca originalidade e coragem pessoal podem encontrar-se nela, de quanto cada indivíduo é governado por essas atitudes da mente grupal que se apresentam sob formas tais como características raciais, preconceitos de classe, opinião pública etc. (FREUD:1921:150)

Mais do que as mentes grupais, podem considerar as idéias refletidas, em Trotter (1916) sobre o instinto de rebanho ou instinto gregário (*'gregariousness'*, gregarismo) que deriva os fenômenos mentais, descritos como ocorrentes nos grupos, inato aos seres humanos, tal como a outras espécies de animais. Biologicamente, diz ele, esse gregarismo constitui uma analogia à multicelularidade, sendo, por assim dizer, uma continuação dela. *Se estiver sozinho, o indivíduo sente-se incompleto*. O medo apresentado, pelas crianças pequenas, já pareceria ser uma expressão desse instinto gregário. *O instinto gregário pareceria ser algo primário, something which cannot be split up (algo que não pode ser dividido)*.(TROTTER:1916).

Neutralidade e opinião pública

Então, seria a opinião pública, também, uma manifestação do instinto gregário ? pode haver neutralidade na opinião pública? Nosso primeiro pensamento volta-se para o que Freud diz a respeito do trabalho do sonho e das associações de idéias sobre o mesmo. Um sonho sem associações de idéias não pode ser trabalhado e não fornece nenhum indicar para a cura. Opinião pública neutra não representa nada. Afasta o grupo da realidade o isola em posição neutra, sem opinião, sem manifestação, sem participação. Qual seria, mesmo, a função da neutralidade, poderia ela funcionar como o escudo (broquel) do mito de Perseu, como defesa psicológica e matar as Medusas do mundo moderno?



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Reportando-nos a um artigo do Prof. Antonio Holfeldt, sobre a opinião pública e a Teoria da Espiral do Silêncio de Elisabeth Noelle-Neumann, especialista em demoscopia (pesquisa de opinião pública sob a organização científica) nos chamou a atenção três momentos.

No primeiro momento, a autora baseou suas pesquisas nos estudos de Solomon Asch, (1972) sobre isolamento e conformidade social e, permitiu a idéia que haveria uma tendência, isto é, a *dos jornalistas para uma consonância irreal quando relatam os acontecimentos*

Evoluindo para um segundo momento aborda a caracterização da hipótese da espiral do silêncio para o indivíduo, o não-isolamento em si mesmo que é mais importante que seu não *juízo*. Definindo daí, dois conceitos referentes, o clima de opinião, à sensibilidade de percepção da maioria dos indivíduos no que diz respeito às diferenças opinativas e, a opinião pública à interação estabelecida entre atitudes e crenças individuais no parecer emitido pela coletividade, isto é, *pela influência provocada na audiência pelos mass média chega-se à confluência do que seja a opinião majoritária*.(NOELLE-NEUMANN apud HOHLFELD:2001:231)

Finalmente, Elisabeth Noelle-Neumann (1980-1984) diz que a opinião pública não é, apenas, uma *função manifesta*, mas, antes de tudo, uma *função latente* o que reforça os princípios da psicanálise e suas duas ordens de expressão : inconsciente( latente) e consciente ( manifesta).

Assim é que ao analisarmos a opinião pública isto é o lado do receptor das mensagens para quem se destina a mídia, podemos concluir que todas as questões, aqui, colocadas sobre a neutralidade, não encontram sustentação, nas Teorias de opinião pública, nem nas Teorias da Comunicação, nem nas Teorias de Grupo. Neutralidade parece ser, se for o caso, condição, qualidade, atributo do emissor da notícia, mas não uma exigência teórica prática da comunicação seja em que nível for.

A bem da verdade, a diferença dos registros da realidade, para o mito está no abismo das referências dos fatos ocorridos para os fatos imaginários. Se considerarmos a importância dos meios de divulgação, das novas normas da informática, da



comunicação eletrônica face à neutralidade, estaremos diante de fatos novos. O mais evidente de todos, constitui-se a partir de um olhar diferenciado frente aos fatos ocorridos, que chegam através da imagem o que favorecerá o aparecimento de novos pressupostos da comunicação. No momento ainda ficaremos com Freud e seus estudos sobre grupo ou com Elisabeth Noelle-Neumann (1980-1984) apostando nos seus estudos sobre a opinião pública em busca dos conteúdos latentes (inconscientes) e conteúdos manifestos (conscientes) das mensagens.

#### Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, J. O Crime perfeito.relógio d'água. Lisboa , 1996.
- LAPLANCHE .J, PONTALIS,J.Dicionário de Psicoanálisis. Barcelona:Editorial Paidós: 1971.
- FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras completas. Rio de Janeiro: Imago 1976. Especialmente:  
“Análise de Grupo e a análise do ego” ( 1921) vol. XVIII  
“Chistes e sua relação com o inconsciente” (1905) vol. VIII.
- HOLFELDT\_A. Teorias da Comunicação In : Hipóteses contemporâneas de Pesquisa em Comunicação , Editora Vozes . Petrópolis Rio de Janeiro,2001
- JAMESON, F. Espaço e imagem. Teoria do Pós- Moderno e Outros Ensaios. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- MUÑOZ, Blanca. Teoria de la Pseudocultura. Estudios de Sociología de la Cultura y de la Comunicación de Masas. España: Editorial Fundamentos Colección Ciencia, 1995.
- Coordenador do GT Comunicação e Campo do Inconsciente COMPOS- Prof. Dr.Gilberto Lago (UFBa.FACOM- BA)